

Professora Laura fala da importância de 1808

3»

Dom João VI
e Carlota
Joaquina: caso
único de família
real a se mudar
para uma colônia



“O Nós é um bom espaço para que os alunos expressem suas opiniões

Jéssica, 2°C



“É essencial para a interação, inclusive com a comunidade externa.

Prof. Gustavo

Campus do Cefet já tem verba para ampliação



CAMPUS RETOMADAS NO FINAL DO ANO PASSADO, AS OBRAS DA SEDE DO CEFET-MG DE DIVINÓPOLIS FICAM PRONTAS NESTE ANO

BÁRBARA REGINA ALTIVO

O novo campus do Cefet de Divinópolis fica pronto até agosto, segundo o cronograma previsto no edital de construção da sede. A obra no Bela Vista, que ficou parada no período chuvoso, está no processo de levantamento de colunas. Mas o desenvolvimento do projeto contará com novidades.

Segundo a direção da escola, foram liberados pelo Ministério da Educação cerca de 1,4 milhão de reais para a ampliação das obras. O projeto original da sede conta, entre outros espaços, com 7 salas e 19 laboratórios. Essa configuração, no entanto, foi prevista antes da oferta do curso técnico de PGTI e do superior de Mecatrônica. O objetivo da ampliação é justamente aumentar o número de salas de aula e de laboratórios. Mas mesmo as obras de ampliação ainda não prevêm a construção do restaurante e da quadra poliesportiva. A direção estuda formas de contornar o problema. “Quanto à quadra, devemos fazer algum convênio até que o espaço seja construído”, explica a diretora Sandra Vaz. Sandra diz que outras ampliações serão necessárias para que o campus atenda de fato ao projeto de expansão do Cefet de Divinópolis. “Mas somente após o lançamento de um edital os gastos serão quantificados com exatidão”, conclui a diretora.

INCLUSÃO DIGITAL

Telecentro oferece acesso à internet à comunidade externa

Inaugurado no final do ano passado, o Telecentro já conta com 16 inscritos. O programa do governo federal oferece acesso gratuito à internet. Segundo o monitor Rogger Lacerda (3º PGTI), responsável pelo centro, além da web, os usuários também podem usar outros recursos da informática, como editores e

planilhas de texto. Rogger avalia que o número de usuários deve crescer, com o fim das férias. “Distribuímos panfletos de divulgação na região do Cefet e com a volta do ano letivo, as pessoas devem procurar o Telecentro com mais frequência”, explica. Mais informações podem ser obtidas pelo 3229-1150.

Cursos técnicos

Professores falam do mercado de trabalho para os cursos do Cefet. **2»**

Nova língua

Cefet contrata professora de espanhol. A disciplina é opcional e os alunos têm de se inscrever para assistir às aulas. **2»**

Quadra interdita

A escola vai criar comissão para disciplinar uso da quadra fora do horário das aulas de Educação Física. **3»**

Perfil dos calouros

Pesquisa analisa os calouros dos cursos técnicos integrados do Cefet e do novo curso superior de Mecatrônica. **4»**

Acontece**Língua****Alunos do Cefet terão espanhol**

Proposta que se arrastava no Congresso desde 1993, a lei que obriga escolas públicas e privadas de ensino médio a oferecerem aulas de espanhol foi sancionada pelo presidente Lula em 2005. Pela lei, as aulas são optativas, ou seja, a escola tem de ter o professor, mas os alunos não são obrigados a fazer o curso. A ideia tem como objetivo fortalecer laços culturais e comerciais entre os países do Mercosul. Uruguai, Paraguai e Argentina também oferecem aulas de Português nas escolas públicas. O Cefet está montando horários com os alunos que se inscreveram. "Estou ansiosa, pois me disseram que nesta escola estão os melhores alunos de Divinópolis", diz Juliana Caixeta, contratada para dar as aulas de espanhol no Cefet.

Eleição**Cefet elege novo diretor este ano**

O Cefet de Divinópolis escolhe neste semestre um novo diretor. A votação ainda não tem data definida, mas acontece até maio. Só podem concorrer professores efetivos com mais de três anos na escola. O mandato dura dois anos com a possibilidade de uma reeleição. Votam professores e técnicos efetivos e alunos. Mas os votos têm pesos diferentes. A fórmula é um pouco complicada. Em uma eleição em que haja, por exemplo, 50 eleitores servidores (professores e técnicos efetivos) e 400 alunos, o número de votos obtidos em cada um dos segmentos é dividido pelo total de eleitores e multiplicado pelo peso - 2/3, para servidores e 1/3 para alunos. Da soma dos dois resultados tem-se o percentual de cada candidato. Imagine-se um candidato que obtenha 12 votos dos 50 servidores e 105, entre os 400 alunos. Para saber seu percentual entre os servidores, basta multiplicar esses 12 votos por 2/3 e depois dividir o produto disso por 50. O resultado - 16% - é o índice do candidato junto aos servidores. Já para saber o percentual de votos junto aos alunos, é só multiplicar 105 por 1/3 e dividir por 400. Resultado: 8,75%. Esse candidato teve, portanto, 24,75% do total de votos, que é a soma da votação junto a servidores e alunos. Nesse cenário, o voto de um único professor ou técnico vale por 16 votos de alunos.

Nós|**PROJETO BIC-JR**

Coordenador/orientador Professor Luiz Carlos Gonçalves **Redação arte fotos** Luiz Carlos Gonçalves **Bárbara Regina** (3°C) **Matheus Andrade** (3°B) **Ilustração** Breno Beirigo (3°B) **Impressão** Gráfica do Cefet-MG **Campus I Campus Divinópolis do Cefet-MG** R. Monte Santo, 319 B. Santo Antônio Divinópolis-MG Tel: 37 3229-1150 www.cefetmg.br **Contato** nosleitores@gmail.com

tipo assim...**MERCADO DE TRABALHO****Professores analisam cursos técnicos do Cefet**

MATHEUS LOPES ANDRADE

Muitos alunos começam a cursar o ensino técnico no Cefet sem ter clareza das opções de trabalho proporcionadas por seu curso. O Nós pediu a alguns professores para analisar o mercado de trabalho dos três cursos técnicos oferecidos pelo Cefet.

ELETROMECÂNICA é basicamente a junção de duas áreas: elétrica e mecânica. Quem explica é o professor doutor Evandro Fockink da Silva, coordenador do curso. Segundo ele, os eletromecânicos geralmente são empregados em indústrias, porém podem dar manutenção em diversos setores. "Dentro de Divinópolis os maiores empregadores são do ramo siderúrgico, ferroviário e voltado para a manutenção de máquinas", afirma Evandro. De acordo com o coordenador, o salário desses técnicos varia entre R\$500 e R\$3000.

PGTI forma técnicos em informática, mas com um grande diferencial, que é a especialização

em gestão e planejamento de informações, característica cada vez mais valorizada no meio empresarial, segundo o professor William Sallum, coordenador do curso. "Em Divinópolis ainda não temos dados concretos sobre o tamanho desse mercado de trabalho, mas o profissional de PGTI tem vaga de emprego garantida em áreas que vão desde a informatização de um simples açougue até o cargo mais alto de gestão em uma empresa", assegura William. Segundo ele, o salário desse tipo de técnico é de no mínimo R\$900,00.

VESTUÁRIO abrange todas as áreas de uma confecção, segundo a professora Lucília Lemos. Ela explica que os profissionais formados no Cefet dominam desde a criação, modelagem e produção de peças até fundamentos administrativos de uma confecção. De acordo com a professora, que também é designer de moda, em Divinópolis é muito grande a procura por profissionais com essa formação. "Geralmente o salário de um técnico em vestuário varia de R\$600 a R\$1500", informa Lucília.

Mídia**Revista questiona gastos do Cefet-MG**

Em sua edição de 16 de fevereiro, a revista "Isto é" envolve o campus de Divinópolis do Cefet-MG em denúncias de supostas irregularidades no gasto de dinheiro público. Os R\$ 6,2 mil mencionados pela revista, no entanto, foram usados para pagamento de refeições para 250 alunos que participavam dos jogos Intercampi de 21 a 23 de outubro de 2005.

O Intercampi reúne alunos de todos os campi da escola. Não há irregularidade no gasto. O que aguçou a imaginação da revista foi simplesmente a razão social do restaurante - "Cervejaria Divinópolis Ltda". A referência a cerveja levou a "Isto é" a inferir que o dinheiro tenha sido usado em festa regada à bebida. Contradizendo as mais elementares regras do jornalismo, a revista sequer ligou para o Cefet para apurar o caso. O Cefet vai solicitar retratação do "Isto é".

EU RECOMENDO**LIVROS****Gossip Girl**

Cecily Ziegesar
"Conta a história de jovens riquinhos e mimados. Mostra que dinheiro não compra tudo."
Paula, 3°C

**Um lugar ao sol**

Érico Veríssimo
"É um romance que tem como ponto de partida um velório e no final há uma grande lição."
Nathália, 1°C

**O cão dos Baskervilles**

Arthur C. Doyle
"Uma aventura do detetive inglês Sherlock Holmes, com muitas investigações e análises de evidências."
Renan, 2°B

**DVD'S****Peixe grande e suas histórias maravilhosas**

"Um ótimo contador narra o filme. É envolvente, nunca se sabe se as histórias são verdade ou não."
Matheus, 3°A e Sarah, 2°C

**O código Da Vinci**

"Conta uma história bem intrigante e de que eu gosto muito, a do Santo Graal"
Régis Valker Santos, 2°A

**Um amor para recordar**

"É um filme que mexe com nossos sentimentos."
Túlio, 1°B

**CD'S****Youth**

"Matisyahu é um cantor americano judeu. Ele mistura rap, rock e reggae com judaísmo. É muito interessante."
Yan, 2°B



Mande a sua sugestão de livro, CD, DVD, site ou blog para Nós. Envie uma pequena resenha, seu nome - e turma, se for aluno -, para nosleitores@gmail.com

200 ANOS DA VINDA DA FAMÍLIA REAL

“A vinda de dom João, em 1808, foi algo planejado”

ENTREVISTA A MATHEUS e BÁRBARA

Não há como fugir da mística dos números redondos. Assim como foi nos 500 anos da descoberta do Brasil, em 2000, a mídia deve dedicar boa parte de seu tempo este ano aos 200 anos da mudança da corte portuguesa para o Brasil. A professora de História do campus de Divinópolis do Cefet-MG, Laura Nogueira Oliveira, acha que há motivos para comemorar. “A data serve para levantar nossa auto-estima”, diz Laura, doutora pela UFMG.

Nós - O que é verdade e o que é mito na vinda da família real?

Laura - É mito que a corte tenha vindo sem planejamento, à pressas como no filme “*Carlota Joaquina*”, de Carla Camurat. A vinda de d. João VI foi uma decisão estratégica, calculada. Mas é verdade que o rei tentou evitar a invasão de Lisboa dando presentinhos, jóias a Napoleão.

Nós - Já que a senhora citou o filme, em “*Carlota Joaquina*”, d. João VI é uma figura patética, um comilão idiota. Dona Carlota é uma maníaca sexual. O mesmo acontece em “*Quinto dos Infernos*”, série da Globo. De onde vêm esses estereótipos?

Laura - Uma coisa é certa: dom João VI não era aquele retardado mental de “*Carlota Joaquina*”. Esses clichês da família real, de Portugal, começaram a ser gerados na época da nossa independência, em 1822. Foi uma forma de os brasileiros negarem a figura do colonizador. Por outro lado, esse deboche revela a forma como nós nos vemos também.

Nós - Quantas pessoas vieram para cá com a Família Real?

Laura - Certamente não foram os 15 mil que muitos defendem. Na época, o Rio tinha 50 mil habitantes. Se viessem mais 15 mil, haveria um colapso total da cidade. O número mais realista virá da análise dos diários de bordo.

Nós - Quem governou Portugal enquanto a corte esteve aqui?

Laura - Uma junta nomeada pelo rei em 1807 e que governa até 1815, quando



Laura, atrás de uma pilha de livros, na biblioteca da escola

Napoleão é derrotado. Depois disso, quem manda em Portugal até 1821 é um militar inglês, com poder ditatorial.

Nós - Por que Napoleão não consegue invadir Lisboa?

Laura - Invadir Portugal, até que ele invade, tomar o poder é que não. Isso porque, entre outras coisas, a Inglaterra, de olho nos portos portugueses, transformou a proteção de Lisboa em uma decisão de vida ou morte.

Nós - O que o povo português achou da saída da família real?

Laura - Houve uma sensação de abandono, mas o ódio a Napoleão era maior que esse sentimento. E ao contrário do que se acostumou a pensar no Brasil, a corte não fugiu para salvar sua pele, mas foi expulsa pela ameaça napoleônica.

Nós - Mas era bom aceito pelos portugueses que a sede do governo fosse uma colônia?

Laura - Não, tanto que a partir de 1815, a pressão pela volta do rei a Lisboa começa a ficar insustentável. Isso culmina numa revolução, em 1820 que faz a corte retornar.

Nós - Que mudanças a vinda da corte trouxe para o Rio?



PINTURA DE D. JOÃO VI
“D. JOÃO NÃO ERA UM RETARDADO MENTAL”

Laura - O Rio era uma roça sem ruas calçadas, água tratada, iluminação. As pessoas faziam cocô e xixi nas ruas. Isso em contraste com Lisboa, que era uma cidade lindíssima, moderna, recém reconstruída após o terremoto de 1755. Aí vem o rei e promove uma ampla reforma urbanística e de costumes.

Nós - Quais foram as primeiras providências tomadas por d. João VI no Brasil?

Laura - A primeira coisa foi decretar, em uma parada em Salvador (BA), a abertura dos portos. Já no Rio, a preocupação foi em alojar os membros da corte na cidade. Depois temos a criação do Jardim Botânico, do Banco do Brasil, de órgãos e empregos públicos. Muitos críticos dizem que dom João inaugurou a burocracia e a prática do empreguismo. Mas ele precisava dessa estrutura.

Nós - Por que lembrar 1808?

Laura - O mais importante é tentar levantar a auto-estima do brasileiro. Em vez de ridicularizar Portugal e a nossa história, devemos ver o episódio como uma deferência ao Brasil. Até 1808 nunca um rei europeu sequer foi passear em uma colônia, quanto mais mudar-se para uma. Esse aniversário, portanto, deve nos fazer refletir sobre nossas potencialidades, nossa importância no cenário mundial.



EXPLOSIVA
DETALHE DA GARRAFA-GRANADA DA PROFESSORA LAURA



O DVD “CARLOTA JOAQUINA... DEBOCHE REVELA A FORMA COMO NOS VEMOS”

Acontece

Livros

Biblioteca terá novo software

Quem passa pela porta da biblioteca pode notar algumas mudanças. Além das montanhas de livros novos empilhados sobre as mesas, a alteração mais evidente são chamativos armários azuis. Segundo o bibliotecário Cléber Bolívar Silva, são para que os leitores possam guardar seu material. Cléber, que é formado em Biblioteconomia, diz que o acervo receberá ainda mais livros, escolhidos pelos professores no último ano. Mas a grande novidade só virá com a transferência para a nova sede. “A biblioteca será gerenciada por um novo software, que permitirá ao aluno reservar livros via internet; será possível até ter acesso a livros de outros campi”, explica Cléber.

Saúde

Enfermeiras fazem curso

As enfermeiras. Leninha e Naiara atendem, na maior parte das vezes, a casos de acidentes com alunos na quadra. Ambas estão se aprimorando em curso superior na área de saúde, o que faz com que seus horários de trabalho tenham de ser previstos de acordo com o quadro de aulas da faculdade. Isso acaba criando períodos em que a escola não conta com nenhum profissional da saúde. A direção reconhece o problema. “Queremos contratar novos funcionários, mas existe um cronograma, muitas vezes temos de esperar a contratação de pessoal para outros campi para depois aumentar o número de funcionários aqui em Divinópolis”, explica a chefe do departamento de administração Rosália Martins. Além disso, as enfermeiras também ajudam nos serviços do registro escolar. “Se nenhuma enfermeira estiver na escola e o aluno se sentir mal, ele deve procurar a direção, que tomará as providências necessárias”, assegura a diretora Sandra Vaz.

Segurança

Uso da quadra foi delimitado

Desde o final do ano passado, o uso da quadra fora das aulas de Educação Física está suspenso. Segundo a direção, a medida visa à segurança dos alunos. Praticar exercícios físicos após o almoço, por exemplo, seria, de acordo com a direção, prejudicial à saúde dos estudantes. Outra fonte de perigo, ainda de acordo com a administração, é a precariedade em que a quadra se encontra. “Qualquer queda pode causar ferimentos graves”, diz a diretora Sandra Vaz. Mas a decisão não é definitiva. A direção espera que uma comissão formada por professores, alunos e representantes da administração decida sobre o assunto.

PESQUISA

Entre calouros do ensino técnico, 68% fizeram curso preparatório

PESQUISA COM 114 ALUNOS MOSTRA AINDA QUE 56% DOS NOVATOS VIERAM DE ESCOLAS ESTADUAIS

MATHEUS LOPES ANDRADE

A maior parte dos calouros do ensino técnico integrado do campus de Divinópolis do Cefet veio de escolas públicas. Segundo pesquisa feita pelo Nós, 72% dos novatos estudaram em escolas estaduais (56%) ou municipais (16%). A rede particular responde por 28% do número dos alunos do técnico integrado que entraram este ano no campus. As três escolas com maior número de aprovados são o Cetepe (9%), a Manoel Correa Filho (8%) e a Padre Matias Lobato (7%). Entre as particulares, o Integral foi a que mais forneceu alunos para o Cefet: 6%.

A maioria dos calouros (86%) é de Divinópolis. Os 14% restantes vieram de outras 13 cidades, a maioria da região Centro-Oeste, como Cláudio e Itapeverica. Mas há alunos de cidades mais distantes, como Belo Horizonte, Corinto e Manhuaçu. A pesquisa também quis saber o percentual de alunos que frequentaram cursos preparatórios para fazer a



ALUNOS DO MECATRÔNICA: 74% DELES TÊM MENOS DE 20 ANOS DE IDADE

seleção do Cefet. Dos 114 entrevistados, a maioria (68%) fez esse tipo de curso. É o caso de Leandro Adriano Silva, do 1º Eletromecânica. “É importante fazer cursinho para complementar o que a escola não consegue ensinar”, explica. Já Marina Fernanda Santos, 1º Vestuário, optou por não fazer um preparatório. “Estudando sozinho você se concentra mais”, diz.

O curso que mais aprovou foi o Opção (40%). Em segundo vem

o Pitágoras (20%), seguido do Alfa Coc (13%). Os outros somam 23%, incluindo o Pré-Cefet (7%), uma parceria do Cefet com a Prefeitura local, que oferece curso preparatório gratuito.

Outro dado apurado pela pesquisa foi o motivo que levou os estudantes a optarem pelo Cefet. Para a grande maioria (68%), a qualidade de ensino foi o fator que mais pesou nessa escolha, seguida dos 14% que dizem ter afinidade com o curso técnico escolhido. E em terceiro, 7% afirmam ter escolhido a escola pela “fama” do nome “Cefet-MG”.

PRIMEIROS

Descobrir o nome entre os aprovados da lista do vestibular é muito bom. Melhor que isso é saber que foi classificado em primeiro lugar. Esse é o caso de Marcos Alberto (Eletromecânica), Túlio Correa (PGTI) e Cleide Mara (Vestuário). Os três calouros afirmam ter afinidade com o curso técnico que escolheram.

Tanto Marcos quanto Cleide estudaram em escola pública e frequentaram cursinho preparatório. “Foi importante fazer o cursinho, pois revi a matéria e ainda pude aprender novas coisas”, conta Marcos. Já Túlio, estudou em escola da rede particular e não fez cursinho. “Não achei importante, afinal tinha acabado de estudar tudo na 8ª série”, explica. O primeiro colocado do Mecatrônica não se matriculou. A pesquisa estimulada ouviu 114 calouros através de formulário individual, no dia 11 de fevereiro.

MARIA TERESA, SUPERVISORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA



Reprovação de até 42% preocupa

Quase a metade dos alunos do 1º PGTI noturno de 2007 (42%) foi reprovada. Somadas evasão e reprovação, 47% da turma Não chegaram à 2ª série. O problema no entanto não é exclusividade do PGTI nem do turno da noite. No 1º Eletromecânica diurno, o número de alunos reprovados e que abandonaram o curso em 2007 chegou a 38% do total. Já entre os calouros de Vestuário, o índice foi de 31%. Para o coordenador do PGTI, William Sallum, o principal motivo para a grande taxa de reprovação da turma da noite foi a heterogeneidade dos estudantes. “No 1º Ano noturno, os alunos foram escolhidos a partir dos excedentes do vestibular para a turma de manhã, dessa forma, a classe não tinha um padrão que conseguisse seguir o ritmo do Cefet”, teoriza. “Mas os professores tiveram muito jogo de cintura e buscaram a melhor saída pedagógica, porque senão o número de repetentes seria ainda maior”, prevê William. O curso noturno de PGTI não é mais oferecido pela escola. Já para Maria Tereza, supervisora pedagógica que trabalha há 19 anos no Cefet, o motivo para o alto índice de reprovação e evasão seriam a falta de maturidade de alguns alunos para estudar à noite e o “excesso de liberdade” oferecido pelo Cefet. Chefe do Registro escolar, Leninha faz um levantamento das matérias que mais reprovam: “os alunos devem tomar cuidado com Matemática e Física”, alerta. Já Maria Tereza tem seis conselhos ou “mandamentos” para se passar de ano: “1- Levar a sério os estudos; 2- Não faltar às aulas; 3- Prestar atenção; 4- Em caso de dificuldades, procurar ajuda com o psicólogo da escola ou professor; 5- Manter o comprometimento com a escola; 6- Manter horários diários de estudo.” Ela garante que funciona. “Eu me formei sem nunca ter faltado a uma aula”, diz.

CURSO SUPERIOR

Maioria no Mecatrônica estudou na rede particular

LUIZ CARLOS GONÇALVES

Diferentemente do que ocorre no ensino técnico, no novo curso superior de Mecatrônica mais da metade dos alunos veio de escolas particulares. Segundo a pesquisa feita pelo Nós, 52% dos calouros entrevistados fizeram o ensino médio em escolas privadas. Outros 26% são provenientes da rede estadual. O número de ex-alunos do próprio Cefet surpreende: 22% fizeram o ensino técnico na escola. É o caso de Michelle Castro, recém formada em Vestuário. “É completamente diferente do meu curso técnico, mas como sempre gostei de exatas e esse curso foi aberto aqui em minha cidade, não podia perder a chance”, explica. A maioria dos calouros (65%) mora em Divinópolis. Os restantes

35% se distribuem entre nove cidades do interior de Minas. A pesquisa quis saber também o principal motivo que levou os alunos a optarem pelo curso de Mecatrônica. A maior parte (55%) diz ter “afinidades” com a área, enquanto 23% assumem que o que mais pesou foi o fato de a escola ser da rede federal de ensino. Esse é o argumento usado por Paulo Vitor de Souza: “além de eu gostar do curso, é muito bom o fato de ser federal”, diz. A primeira turma de curso superior do Cefet de Divinópolis é composta, em sua maioria, por alunos com menos de 20 anos: 74%. Outros 16% têm entre 21 e 30 anos, 7% têm mais de 30 e 3% não informaram a idade. A consulta, feita no dia 11 de fevereiro, ouviu 31 alunos, em formulário individual com respostas estimuladas.